
**CENTRO UNIVERSITÁRIO DA FUNDAÇÃO DE ENSINO
OCTÁVIO BASTOS - UNIFEOB**

Adriana Aguida Bomediano Della Torre - RA: 21000392

Ariane Destro Rodrigues RA: 21000317

Isabela Carrião Martins RA:20000826

Vitor Donizetti Ramos RA:21001101

Oswaldo Turatti Neto RA:22001467

**Levando a saúde mental, através da fala: uma atividade de
promoção para adolescentes em vulnerabilidade**

São João da Boa Vista/SP

2022

I. INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

Os conceitos de saúde mental e vulnerabilidade são muito complexos e ainda vistos com certo estigma negativo. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), "saúde mental é um estado de bem-estar no qual o indivíduo é capaz de usar suas próprias habilidades, recuperar-se do estresse rotineiro, ser produtivo e contribuir com a sua comunidade." Já vulnerabilidade é: Uma qualidade ou um estado do que é se encontra vulnerável, seria o lado enfraquecido de uma questão ou de um assunto, o ponto por onde alguém pode ser levado a submeter ataques, ferimentos ocasionando em ferimentos ou lesões seja elas fisicamente ou moralmente. Segundo Schenker e Cavalcante (2015):

“a vulnerabilidade deve ser compreendida não somente por condições de desigualdade social ou falta de recursos materiais, mas também diversas modalidades de desvantagens enfrentadas por alguns grupos, como fragilização dos vínculos de pertencimento, violência, perda dos direitos fundamentais, alto índice de reprovação escolar, falta de perspectivas profissionais e de projetos para o futuro, inserção precoce ao mundo do trabalho, entre outros aspectos”.

Vulnerabilidade vai implicar risco, ou seja, danos ou fragilidades. São questões muito complexas que exigem reflexões e contextualizações para serem compreendidas de forma que não reproduzam uma associação com "loucura" e "pobreza" reforçando o preconceito com relação à população menos favorecida. Ao mesmo tempo, problematizar esta questão pode indicar direções para boas práticas na área de saúde mental, o acesso a qualquer tipo de cuidado com a saúde, era até décadas atrás algo restrito a classes financeiras mais beneficiadas, por isso esse estigma persiste até os dias de hoje. Pensando tudo isso e relacionando com crianças e adolescentes, as dificuldades podem ser até maiores, pois dependem dos responsáveis para buscar tratamento (pucrs.p.301-308). Para Kaës (1991; 2005) “a saúde psíquica estaria diretamente relacionada com a capacidade associativa, interpretativa, de elaboração e simbolização do psiquismo”. Estaria ligada também à capacidade de fazer laços sociais. Ele mostra que as características da sociedade contemporânea vão exatamente dificultar estas operações, fragilizando o psiquismo do sujeito.

A saúde mental ainda é um tabu para muitos adultos, o que leva à negligência de muitos pais em relação aos comportamentos dos filhos. (CARMO; SENNA; DESSEN, 2012)

Atualmente o conceito básico de promoção à saúde no Brasil é dividido em três partes: Atenção primária, Secundária e terciária. Cada um desses níveis de assistência tem como foco um tratamento equivalente à reclamação do paciente.

Na atenção primária, o paciente tem o primeiro contato com o sistema de saúde, muitas vezes feito através dos postinhos de saúde, nela é realizado diversos procedimentos, desde vigilância à saúde até tratamento e reabilitação.

Na atenção secundária, é onde ocorre os atendimentos ambulatoriais e também de especializações, o contato do paciente com esse nível pode ser feito através de hospitais, e tem como foco casos de média complexidade.

A atenção terciária é o último nível de atendimento ao paciente, ela ocorre em hospitais e UTI e abrange os casos de grande especialidade.

Quando falamos em vulnerabilidade social compreendemos que algumas das principais características que vão marcar esse estado são as condições em que os indivíduos se encontram, um exemplo seria a condições precárias de moradia e saneamento básico. A vulnerabilidade geralmente vai envolver além da precariedade de renda por um longo período de tempo as necessidades insatisfeitas em múltiplos fatores, escolaridade, alimentação, saúde, moradia, trabalho, transporte, e assim por diante. Gorovitz (1994, p.78) afirma que a “vulnerabilidade é multidimensional, implica em gradações e mudanças ao longo do tempo e tem caráter relacional”. As pessoas não são vulneráveis, elas estão vulneráveis com relação à determinada situação e num certo ponto do tempo e espaço. Relações sociais que vão ser fragilizadas, ou seja, tendo baixa capacidade de mobilizar aspectos ativos psicossociais negativos envolvendo uma dupla dimensão da pobreza onde podemos dizer que a primeira são privações materiais e a segunda seria as privações em ordem subjetiva. Em relação aos riscos sociais presentes existem vários tipos, podendo incluir: Perigos à saúde humana, poluição ambiental, ameaças à biodiversidade, também a segurança de tal e também ao patrimônio cultural de uma região. Podemos relacionar isto a resultados de qualquer processo acentuado de exclusão, podendo ser enfraquecimento de indivíduos ou até mesmo grupos, discriminação, trazendo provocações a fatores, podendo ser crises econômicas

localização precária e também baixos níveis de capital social pobreza ou até mesmo algo cultural. Para se estabelecer uma relação entre saúde mental e vulnerabilidade é necessário compreender perspectivas que permitam estabelecer uma aproximação com o sofrimento mental sem preestabelecê-lo em categorias, permitindo maior flexibilidade e diversidade tanto na compreensão quanto nas propostas de intervenção. Com isso, fica evidente que outro aspecto a ser discutido é a relação entre o serviço de saúde e a comunidade, o surgimento de políticas públicas que forneçam prevenção seletiva que é relacionada a grupos de pessoas que possuem riscos biológicos, psicológicos ou sociais de desenvolver um transtorno e a prevenção indicada que é relacionada a um número menor de pessoas com mais alto nível de vulnerabilidade para desenvolver um transtorno, identificadas por apresentarem sinais ou sintomas detectáveis, porém não são suficientes para um diagnóstico, deste modo aumentam a eficácia dos tratamentos, pois irá focalizar nas necessidades que o grupo de pessoas daquela localidade apresenta maior vulnerabilidade, permite inúmeras possibilidades de produções singulares na relação entre a área da saúde e a população que vive em condições precárias (pucrs.p.301-308).

Relacionando todos esses conceitos é necessário compreender ainda as perspectivas que permitem estabelecer uma aproximação com o sofrimento mental sem preestabelecê-lo em categorias, permitindo maior flexibilidade e diversidade tanto na compreensão quanto nas propostas de intervenção. De modo que se compreenda de maneira efetiva é essencial o não somente para o indivíduo mas também para o plano das suscetibilidades sociais em que o se encontra, como é o caso da vulnerabilidade individual, social e programática relacionada às pessoas com transtornos mentais e usuários de drogas, dificuldades de acesso aos serviços de saúde e enfrentam barreiras até desproporcionais de acesso à educação e oportunidades de trabalho.

A adolescência é uma fase crítica do desenvolvimento humano quando o assunto é descoberto. A necessidade de pertencimento a um grupo social, a diferenciação criada entre o comportamento que tinha na infância e a rebeldia, são fatores que podem facilitar o adolescente ao uso de drogas. (CARMO; SENNA; DESSEN, 2012)

A principal motivação para esse projeto é a conscientização do quanto a vulnerabilidade social que estas crianças e adolescentes estão inseridas, resultará em problemas futuros relacionados à saúde mental, afinal com a falta de uma estabilidade e estrutura psíquica bem delimitada poderá acarretar em diversos transtornos mentais, levando em consideração a dificuldade que se encontra em se estabelecer uma igualdade na distribuição de conhecimento.

O uso de drogas é um episódio bastante antigo na história da humanidade e desenvolve graves problemas de saúde pública, com sérias consequências pessoais e sociais no futuro dos jovens e de toda a sociedade.

A etapa da vida em que apresenta maior índice de consumo de substâncias ilícitas é a fase da adolescência, entre 13 a 18 anos, no qual esses indivíduos segundo Osório (1992) rebeldia e contestação fazem parte desta fase, pois estão testando as possibilidades de se sentirem no controle de si mesmos, em harmonia com Rappaport (2011) que considera que as tarefas na adolescência fazem parte de um processo para que o adolescente tome decisões e escolhas a fim de atingir sua maturidade, entre os fatores que possuem maior facilidade em desencadear o uso de drogas pelos adolescentes, os mais encontrados são as emoções e os sentimentos associados a intenso sofrimento psíquico, como depressão, culpa, ansiedade exagerada e baixa autoestima.

Utilizando uma expectativa de conhecimento com uma forma vulgar podemos observar que, adolescentes que fazem parte da classe média/média superior, nos trazem uma percentagem consideravelmente mais elevada em relação ao uso de tabaco, maconha, álcool e também solventes, durante a vida, que quando comparamos com pessoas de classe baixa e baixa inferior.

E com os estudos e levantamentos de dados, não surge a importância de buscar e classificar tais influências no status socioeconômico desses indivíduos em relação ao consumo de drogas na adolescência.

Por vezes, os adolescentes não possuem acesso a informações necessárias sobre o tema, deste modo fica evidente a importância de se desenvolver projetos de promoção e prevenção à saúde. Com o desenvolvimento do trabalho obtemos conhecimentos acadêmicos para fortalecer as nossas percepções sociais e melhor assim o trabalho cooperativo.

II. OBJETIVOS

- Realizar uma observação em contexto de vulnerabilidade das interações dos colaboradores, das crianças e famílias e o seu impacto.
- Estabelecer com bases teóricas as implicações no desenvolvimento infantil.
- Conscientizar e orientar de forma efetiva os colaboradores e familiares sobre a importância dos aspectos socioemocionais no desenvolvimento infantil.

III. METODOLOGIA

O estímulo que fomentou a exploração deste tema foi uma observação, instigada pelo projeto integrado de nossa instituição de ensino, que deu-se no Oratório Padre Donizete de São João da Boa Vista.

De início não havia uma pré-intenção sobre nenhum objetivo de estudo. O intuito era obter uma visão integral da situação dos alunos inseridos na instituição, a partir de possíveis pontos que se sobressaem de forma negativa pelo filtro de nossa percepção enquanto estudantes de psicologia, escolheríamos o mais relevante.

A fundamentação teórica do projeto se dará por meio de revisões bibliográficas em fontes de pesquisas primárias e secundárias, tais como artigos e livros que dissertem sobre o tema em questão, selecionados arbitrariamente de acordo com nosso próprio discernimento e por meio de recomendações dos professores.

Ao final, realizamos uma proposta de intervenção, que foi apresentada em forma de roda de conversa, ou seja, estabelecendo um espaço de exercício reflexivo, estimulando a participação ativa coletiva, de modo em que surgiram debates com a finalidade de dialogar sobre as consequências do uso de drogas. A ideia central, teve como foco a psicoterapia através da fala, possibilitando aos alunos levantarem pontos de reclamações, melhorias e outras questões envolvendo a vivência dentro e fora do oratório. Desenvolvendo nos outros participantes a escuta durante a fala do outro e caso apresentem ideias contrárias consigam de forma respeitosa e empática apresentar suas opiniões sem serem julgados, mas sim ouvidos. Outro fator importante a ser trabalhado, é a individualidade de cada um, os medos, anseios e pensamentos em torno de regras, obrigações de um novo estágio da vida e as mudanças de pensamento e atitude. Respeitando a fase de

desenvolvimento em que esses indivíduos estão inseridos e como isso afeta em problemáticas educacionais, comportamentais e emocionais.

Nele, possuímos como objetivo uma conscientização sobre como o consumo de substâncias ilícitas podem afetar negativamente o seu desenvolvimento físico e psíquico. Além de estimular algumas formas que podem ser seguidas para que essa prática seja realizada cada vez menos. Uma roda de conversa é uma alternativa plausível para tal manejo, pois além de trazer experiências de colegas, permite que eles externalizem suas próprias experiências, criando vínculo e melhorando a convivência grupal.

IV. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A roda de conversa foi realizada com 7 adolescentes do sexo masculino, que variam dos 9 aos 14 anos. O contato do grupo parecia bem estabelecido, foi notado um vínculo entre eles, pois alguns são vizinhos, estudam na mesma escola ou se conhecem do oratório.

As perguntas norteadoras, focaram em diferentes assuntos da vivência dos alunos, como o que eles pretendem ser no futuro, se querem fazer faculdade ou se tem dificuldade na escola.

Um dos meninos disse que repetiu um ano na escola e que não é um bom aluno, outro disse não gostar de matemática e outro disse que não gosta de história pois a professora deixa a matéria chata.

Outro tema abordado foi o uso de celular, a maioria disse que não gosta de usar o celular com frequência, mas um disse que gosta. O vídeo game, soltar pipa e assistir filmes de comédia, estão entre algumas atividades que eles gostam de realizar.

Foi notado que alguns meninos, tiveram dificuldade quando foram perguntados sobre a suas idades, respondendo depois de um tempo.

Em um contexto geral, a roda de conversa foi bem sucedida, promovendo vínculos entre os alunos e trabalhando as diferenças, os adolescentes se mostraram bem educados e espertos, colaborando com a realização da roda de conversa.

Ansiou-se, acima de tudo, como resultado de nosso projeto, que aqueles que entraram em contato com o mesmo, tanto de forma ativa interagindo na roda de conversa, quanto na realização da leitura do projeto, utilizem as informações

apresentadas para inseri-las em seus comportamentos futuros, não com o intuito de corrigir erros, pois não nos cabe tal aferição, mas sim para contribuir com seu crescimento enquanto ser humano, contribuindo para a conscientização de suas responsabilidades perante as escolhas que irão se deparar ao longo da vida.

V. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O enfoque colocado no projeto desde o início, foi a compreensão da vivência de cada um dos adolescentes abordados no Oratório Padre Donizete de São João da Boa Vista, com uma escuta ativa e uma fala com informações relevantes, para conscientizar sobre um assunto que os rege de maneira direta ou indireta, as drogas. Através do nosso projeto conseguimos mensurar o quanto um ambiente de vulnerabilidade acarreta no desenvolvimento psicossocial dos adolescentes, enfatizando a importância de não se consumir substâncias ilícitas e psicoeducando quais as consequências que o consumo causa em suas vidas a curto e longo prazo.

É necessário enfatizar que não devemos generalizar que todas as crianças e os adolescentes que frequentam o Oratório, possuem contato direto com substâncias ilícitas, porém é necessário criar estratégias que desenvolvam esse tema com eles, de modo em que contribua com o esclarecimento do tema e auxilie esses adolescentes para tomarem decisões que não causa prejuízos físicos e psíquicos no futuro.

VI. REFERÊNCIAS

DA GAMA, Carlos A.P; CAMPOS, Rosana T.O; FERRER, Ana Luiza . Saúde mental e vulnerabilidade social: a direção do tratamento, Scielo. Revista *Latinoamericana De Psicopatologia Fundamental*, 17(1), 69–84,2014. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rlpf/a/Lz5jfWb83DWPs7prFwC4XXL/?lang=pt>>.

DE SOUZA, Larissa B. ; PINTO, Maria P.P; FIORATI, Regina C. Children and Adolescents in Social Vulnerability: Well- being, Mental Health and Participation In Education. Ribeirão Preto, São Paulo: Universidade de São Paulo, 2019.Acesso em 22 de abr. 2023. Disponível em:<<https://www.scielo.br/j/cadbto/a/yLRT3x4JrDbH6T4djNw95DR/?lang=en>>.

JANCZURA, Rosane. Risco ou vulnerabilidade social?, revistas eletronicas.pucrs.br/index.p.11,n.2,p.301-308,ago./dez.2012. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/fass/article/view/12173/8639>>.

MARQUES, Ana. C. P. R., & CRUZ, Marcelo. S. (2000). O adolescente e o uso de drogas. *Brazilian Journal of Psychiatry*, 22, 32–36. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1516-44462000000600009>>.

SENNA, sylvia.R.C.M, DESSEN, maria.A. Contribuições das teorias do desenvolvimento humano para a concepção contemporânea da adolescência. *Psic: Teor e Pesq [Internet]*. 2012 Jan; 28(1):101–8. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-37722012000100013>>

SILVA, Marina.T.G.D. PÁDUA, poliane.M.R. GUIMARÃES, Mateus.D.O. Os impactos de experiências de contextos de vulnerabilidade social sobre os processos de aprendizagem: o aluno entre o enfeitamento e a escola. *periódicos.pucminas [Internet]*. v.15 n.21, Novembro, 2019 disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/revistaich/article/view/18499>>.